

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

Faculdade de Teologia

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

Exegese: A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO

TAI, Dau Phat
COMIA, John Mark Sebuc

Literatura Joanina e Cartas Católicas

Prof. Shigeyuki Nakanose

São Paulo 2023

1. Sinalização

Betânia, cabelos, doença, judeus, morte de Lázaro, o quarto dia, ressurreição, vida, discípulos, Marta e Maria, Lázaro, Senhor, pedra, etc...

2. Situando o texto

Vamos olhar a situação política, econômica e social do tempo de Jesus e das primeiras comunidades, que era caótica devido ao domínio cruel e violento do império romano. Em 66 d.C., os vários grupos existentes, mesmo tendo ideologias diferentes, uniram-se para lutar contra os dominadores, dando início ao movimento conhecido como a guerra judaica (66-73 d.C.), que terminou com a destruição de Jerusalém e do Templo, instituição central na vida do povo judeu. Os fariseus e os escribas, menos dependentes do Templo, desenvolveram uma estrutura alternativa através das sinagogas, que passaram a ser fortes instituições para garantir, proteger e controlar a vida do povo. A aliança com os romanos favoreceu o desenvolvimento dos judeus de linha farisaica e surgiram muitos grupos, entre eles a Academia de Jâmnia, fundada pelo rabino Iohanã ben-Zakai. O chefe desse grupo, o Patriarca, era reconhecido pelo império romano como representante do povo judeu e tinha o direito de interpretar e aplicar a Lei de Deus, utilizando-a também para cobrar tributos dos judeus. Entretanto, a Lei de Deus foi usada como instrumento de opressão, levando à hierarquização das pessoas e à exclusão e expulsão de algumas delas. A Lei também definia quem estava mais perto de Deus e quem estava impuro, criando uma situação de opressão para as pessoas e, especialmente, para as mulheres. A sinagoga era a instituição responsável pelo ensino da Lei.

Durante o ministério de Jesus, Ele criticou o legalismo e a hipocrisia dos líderes religiosos que colocavam um fardo pesado sobre o povo. Ele enfatizou a importância da misericórdia, da compaixão e do amor ao próximo, destacando que o amor é o cumprimento da Lei (Mt 22,37-40).

Jesus também questionou a noção de impureza defendida pelos fariseus e ensinou que não é o que entra pela boca que torna uma pessoa impura, mas sim o que sai dela (Mt 15,10-20). Além disso, Ele se aproximou de pessoas

consideradas impuras, como leprosos e prostitutas, demonstrando que todas as pessoas são amadas por Deus e merecem compaixão e acolhimento.

Em sua morte e ressurreição, Jesus aboliu a antiga Lei e estabeleceu uma nova aliança com Deus, baseada na graça e no perdão. Ele se tornou o caminho para a salvação, não mais a Lei. Isso não significa que a Lei não tenha mais valor, mas sim que ela não é mais a única forma de se chegar a Deus.

Portanto, a situação política, econômica e social no tempo de Jesus e das primeiras comunidades judaicas era caótica, com a dominação romana e a destruição do Templo. No entanto, mesmo em meio a esse contexto difícil, Jesus trouxe uma mensagem de esperança, amor e graça, questionando o legalismo e a opressão da antiga Lei e estabelecendo uma nova aliança baseada na fé e no amor. Seu ministério e ensinamentos continuam a inspirar e transformar a vida de milhões de pessoas em todo o mundo.

3. Análise Literária

O texto da ressurreição de Lázaro é exclusivo do Evangelho de João e faz parte do livro dos sinais, composto por seis sinais escolhidos pelas comunidades seguidos de discursos para explicar os gestos de Jesus. Os discursos desenvolvem um tema único, sob diferentes enfoques, refletindo a experiência da comunidade a partir da ressurreição. Nos discursos de João, a comunidade faz a experiência de Cristo ressuscitado e não é o Jesus histórico que fala. O capítulo 11 apresenta uma estrutura diferente dos outros sinais, com palavras e gestos intercalados em uma narrativa linear. O texto é dividido em introdução (1-6), diálogo entre Jesus e os discípulos (7-16), diálogo entre Jesus e Marta (17-27), encontro de Jesus, Maria e os judeus (28-37), Jesus e a superação da morte (38-44) e as reações ao milagre (45-53). A situação da comunidade é descrita através das imagens da doença e morte de Lázaro e da incompreensão dos discípulos.

Além disso, podemos anotar que a seção 11,1-54 é composta por um díptico, cujas duas partes contrapõem a vida que Jesus confere (11,1-45) e sua condenação à morte por ação dos dirigentes judeus (11,46-54). A primeira parte, o episódio da ressurreição de Lázaro, quer mostrar que a vida comunicada por

Jesus aos seus com o Espírito vence a morte e, portanto, leva em si a ressurreição. A segunda parte do díptico (11,47-53) apresenta a reação das supremas autoridades judaicas, que condenam Jesus à morte, Jesus, o doador da vida. O conflito começado abertamente no início deste ciclo (5, 16.18) chega assim à sua hora crítica. A atividade de Jesus é insuportável para a instituição, que nela vê perigo e ameaça aos seus interesses.

Delimitam-se assim os campos e se perfila o dilema que se apresenta diante do povo: Jesus terminou sua atividade como doador de vida; as autoridades, ao condená-lo, manifestam claramente sua verdadeira condição de agentes de morte. O Messias e a instituição são incompatíveis. O povo deverá optar agora entre um e outra. "A hora" do Messias, que vai começar, será a hora da decisão. A seção termina com a nova saída de Jesus para fora da Judéia, que anuncia a área de expansão de suas futuras comunidades (11,54).

11,1-17: Jesus e os discípulos: o temor da morte

A pericope quer sublinhar a preocupação com a morte e a fé incompleta dos discípulos que não compreenderam ainda a qualidade de vida que Jesus comunica. Ambas se revelam tanto perante a enfermidade de um membro do grupo, Lázaro, como também no temor de arriscar a vida por parte dos outros discípulos. Não compreendem que a morte não interrompe a vida definitiva. A pericope começa apresentando as personagens e a situação de Lázaro (11,1-2). Narra-se em seguida o recado mandado a Jesus, o comentário que ele faz e sua demora, apesar da amizade que o unia ao grupo (11,3-6). Depois de dois dias, Jesus decide ir à Judéia, o que suscita objeção por parte dos discípulos, à qual Jesus responde (11,7-10). Finalmente lhe informa da morte de Lázaro e os convida a ir com ele; Tomé reage com adesão pessimista (11,11-16). A pericope termina com a chegada a Betânia e a verificação da morte de Lázaro (11,17).

O grupo de Jesus é uma comunidade de irmãos e amigos em que vigoram relações de afeto e o amor é ativo. O afeto de Jesus e igualmente o dos discípulos deve enfrentar o risco para ajudar ao que necessita. A comunidade cristã, que ainda vê na morte a interrupção da vida, ainda não atingiu a plenitude da fé, por não ter compreendido a qualidade de vida que Jesus comunica. O medo da hostilidade do mundo nasce precisamente dessa falta de fé, que tem

medo de morrer. Jesus não elimina a morte física; mas, para quem recebeu dele a vida, a morte não passa de sono.

11,18-27: Jesus e Marta: a ressurreição e a vida

A perícopete expõe a situação da comunidade representada pelos três irmãos. E grupo de discípulos ainda vinculados à instituição e mentalidade judaicas. Daí nascem falsas concepções sobre a morte e a ressurreição e sobre a obra do Messias. Em seu diálogo com Marta, que personifica a comunidade, Jesus desfaz estas crenças e dá a conhecer o significado de sua pessoa e missão, levando-a à plenitude da fé própria do discípulo (cf. 11,15). Começa descrevendo a situação de Betânia, as circunstâncias que Jesus encontrará à sua chegada e a reação de Marta (11,18-20). Continua com o diálogo entre Marta e Jesus, cuja temática morte-vida-ressurreição culmina na profissão de fé (11,21-27).

11,28-38a: Jesus e Maria. A dor por causa da morte

Como antes com Marta, Jesus encontra-se com Maria, a qual representa a comunidade dolorida por causa da morte. A perícopete expõe a diferença entre a dor desesperada de Maria, como a dos judeus que não creem em Jesus, e a dor serena do próprio Jesus. Divide-se em duas partes. Na primeira (11,28-32) descreve-se a chamada de Jesus a Maria por meio de Marta e o encontro de Maria com Jesus. Na segunda (11,33-38a), descreve-se a expressão da dor por causa da morte de Lázaro.

11,38b-46: Jesus e Lázaro: da morte à vida

Com esta perícopete termina o episódio de Lázaro. Nela ressalta-se a oposição entre a morte, cuja irrevocabilidade é representada pela lousa do sepulcro, e a vida conferida por Jesus, que vence a morte. Jesus leva os seus à visão desta realidade, que, por um lado, lhes manifesta o amor de Deus, e, por outro, os liberta do medo radical do homem. A perícopete divide-se em duas unidades. A primeira (11,38b-41a), sequência da lousa, depois da introdução que descreve o sepulcro (11,38b), contém o diálogo entre Jesus e Marta (11,39-40) e a remoção da lousa (11,41a). A segunda (11,41b-44) contém a ação de graças de Jesus (11, (41-42) e a saída do morto (11,43-44). A perícopete termina

notando as reações opostas dos dois grupos de judeus presentes na cena (11,45-46).

11,47-53: A sentença de morte contra Jesus

A perícopre expõe a reação das autoridades supremas de Israel ao fato de Lázaro. A comunicação de vida e liberdade ao homem torna-se intolerável para o sistema de poder jurídico. Racionalizam sua hostilidade contra Jesus com pretextos de bem nacional. O chefe supremo, o sumo sacerdote, propõe uma solução: sacrificar um homem em benefício do povo. O evangelista propõe sua explicação das palavras do sumo sacerdote. O Conselho decide matar Jesus. Opõem-se nesta perícopre Jesus, a vida, e o sistema de poder, a morte. São incompatíveis. As trevas tentam apagar a luz. A perícopre começa indicando a reação imediata do poder, sua desorientação (11,47-48). Apresenta em seguida a intervenção de Caifás e o comentário do evangelista (11,49-52). Termina com a decisão unânime do Conselho (11,53).

4. Análise Semântica

- **Betânia:** quer dizer casa dos pobres. Uma comunidade marcada pelo amor e ajuda mútua entre os seus membros; chamada de aldeia (Gr. *kome*) como Belém (Jo 7,42), não é a cidade de mesmo nome mencionada em Jo 1,28 e aludida em Jo 10:40-42; onde Lázaro vivia, ficava a leste do monte das Oliveiras, a uns 3 quilômetros de Jerusalém (Mt 21,17 – Jo 26,6).
- **Doença:** é utilizada para descrever uma condição de enfermidade ou mal-estar que afeta a saúde física ou mental de uma pessoa. No contexto bíblico, as doenças eram frequentemente vistas como punições divinas ou manifestações de forças espirituais negativas, e muitas vezes eram associadas ao pecado. No entanto, o Evangelho de João não faz essa associação explícita no relato da doença de Lázaro. No caso específico de Lázaro, a doença é apresentada como uma situação grave que levou à sua morte. Porém, Jesus usa a ocasião para realizar um sinal milagroso de sua divindade, ressuscitando Lázaro dentre os mortos.

- **o quarto dia:** refere-se ao tempo decorrido desde a morte de Lázaro. É uma informação importante porque, na tradição judaica, acredita-se que a alma de uma pessoa pode permanecer no corpo por três dias após a morte, mas no quarto dia, a decomposição começa a se manifestar e, assim, a pessoa é considerada definitivamente morta. O fato de Jesus ter ressuscitado Lázaro no quarto dia, quando todos já pensavam que ele estava morto e enterrado, enfatiza ainda mais o poder divino de Jesus e sua capacidade de superar a morte.
- **Chorar:** O verbo *dakryo* é único no Novo Testamento. Jesus é tomado por um profundo sentimento de perda e tristeza. Diante do choro de Jesus, os judeus concluem: “Vede como ele o amava!”. Essa é a principal característica das comunidades do discípulo amado: o amor mútuo entre Jesus e os membros da comunidade.
- **"Teu irmão ressuscitará", diz Jesus** (v. 23). A expressão pode-se entender de dois modos. Jesus responde à confiança ilimitada de Marta que esperou contra toda esperança ("Ainda agora, sei que tudo quanto pedirdes a Deus, Deus te concederá", v. 22). Jesus quer conduzir Marta a uma fé mais firme em sua pessoa. Não se trata apenas de crer como muitos judeus na ressurreição dos justos no último dia. O próprio Jesus é desde agora a ressurreição e a vida. O uso dos tempos (presente e futuro) recorda o do capítulo 5 ("Aquele que crê tem a vida eterna; passou da morte à vida... Os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus", 5,24-25) e o do discurso sobre o Pão da vida (6.44.47.54). Jesus, no entanto, não fala da ressurreição no final dos tempos. O que Ele diz é que, para quem é amigo de Jesus, não há morte, sequer. Jesus é **“a ressurreição e a vida”**. Para os seus amigos, a morte física é apenas a passagem desta vida para a vida plena. Jesus não evita a morte física; mas Ele oferece ao homem essa vida que se prolonga para sempre. Para que essa vida definitiva possa chegar ao homem é necessário, no entanto, que o homem adira a Jesus e O siga, num caminho de amor e de dom da vida (“todo aquele que vive e acredita em mim, nunca morrerá”). A comunidade de Jesus (a comunidade dos que aderiram a Ele e ao seu projecto) é a comunidade daqueles que já possuem a vida definitiva. Eles passarão pela morte física; mas essa morte será apenas uma passagem para a verdadeira

vida. E é essa vida verdadeira que Jesus quer oferecer. Confrontada com esta catequese (“acreditas nisto?”), Marta manifesta a sua adesão ao que Jesus diz e professa a sua fé no Senhor que dá a vida (“acredito, Senhor, que Tu és o Messias, o Filho de Deus que havia de vir ao mundo”).

- **Ressurreição:** Antes da crença na ressurreição, o Antigo Israel tinha uma concepção de que a vida era limitada e que a morte era vista como castigo e fim de tudo. A teologia da retribuição afirmava que uma pessoa justa seria abençoada por Deus com riqueza e vida longa (Dt 5,33; Lv 18,5; Ne 9,29; Sl 112,1-6). Porém, a ideia da morte como fim de tudo foi se tornando inaceitável diante dos justos que morriam por defender a Lei e a tradição judaica contra o domínio dos gregos. O tema da ressurreição aparece pela primeira vez no livro de Daniel 12,2-3, por volta de 164 a.C., e foi uma tentativa de dar sentido à morte dos justos e incentivar a resistência dos judeus contra os gregos. No entanto, essa ideia da ressurreição seguiu os princípios da teologia da retribuição, onde os justos ressuscitariam para a vida eterna e os injustos para o castigo eterno. Essa crença foi confirmada no período dos Macabeus, onde os justos que eram mortos por defender a Lei e a tradição judaica foram vistos como mártires e a ressurreição se tornou uma esperança para o povo judeu.

5. Hermenêutica

O texto de João 11,1-54 apresenta a ressurreição de Lázaro, irmão de Marta e Maria, realizado por Jesus. Através da narrativa, podemos identificar diversas interpretações hermenêuticas que se conectam aos dias de hoje.

Primeiramente, é possível compreender a mensagem de esperança que a ressurreição de Lázaro transmite. Em meio às perdas e desafios que enfrentamos atualmente, a história de Lázaro nos lembra que o poder de Jesus não se limita apenas ao mundo físico, mas se estende à vida espiritual. Mesmo quando a morte parece ser o fim de tudo, podemos confiar em um Deus que tem o poder de ressuscitar e trazer nova vida.

Além disso, a narrativa também destaca a importância da comunidade e do cuidado uns pelos outros. Marta e Maria, bem como os amigos que estavam com elas, demonstraram grande preocupação e carinho por Lázaro. Esse tipo de relacionamento e conexão com as pessoas ao nosso redor é especialmente importante nos dias de hoje, em que a solidão e o isolamento podem ser uma realidade para muitas pessoas.

Outra hermenêutica que podemos identificar é a de que a ressurreição de Lázaro é um sinal da identidade divina de Jesus. Ao realizar um milagre tão poderoso, Jesus mostrou que era muito mais do que um simples ser humano, mas sim o Filho de Deus. Essa mensagem continua relevante nos dias de hoje, quando muitas vezes procuramos por respostas e soluções em outras fontes além de Deus.

Podemos também encontrar uma hermenêutica relacionada à resiliência e à fé. Mesmo quando tudo parecia perdido e Lázaro estava morto há quatro dias, Marta e Maria mantiveram sua fé em Jesus e acreditaram que ele seria capaz de realizar um milagre. Essa mesma fé e resiliência são necessárias nos dias de hoje, quando muitas vezes enfrentamos desafios e dificuldades que parecem insuperáveis.

Para nós cristãos, a ressurreição de Jesus é o pilar fundamental de nossa fé e a esperança que nutrimos. O Novo Testamento testemunha a ação amorosa de Deus e nos convida a crer e aguardar Sua plena realização também em nossa vida. Entretanto, essa experiência não é suficiente para compreendermos todo o mistério insondável de Deus.

O sinal realizado por Jesus ao ressuscitar Lázaro, e posteriormente em Sua própria ressurreição, nos ensina que a morte não é apenas uma interrupção da vida biológica. Ela possui um significado mais profundo: foi criada para ser vivida em plena comunhão com Deus. A resposta divina a essa interrupção biológica é Sua intervenção definitiva através da ressurreição, uma nova vida em um estado diferente e eterno. Tudo isso é realizado para a maior glória de Deus.

Hoje em dia, em meio às incertezas e desafios que enfrentamos, podemos olhar para a ressurreição de Jesus como uma fonte de esperança e conforto. A vida eterna prometida por Deus nos dá a coragem e a força para enfrentarmos

os obstáculos da vida com a certeza de que não estamos sozinhos. A morte não é mais um fim, mas uma passagem para uma vida nova e melhor com Deus.

Além disso, a ressurreição nos chama a enxergar a morte de forma diferente. Não mais como um evento trágico e definitivo, mas como uma transição para a vida eterna. Isso nos incentiva a valorizar cada momento da vida e a dedicá-la a Deus, sabendo que nossa existência terrena é apenas uma preparação para a vida eterna com Ele.

Referências Bibliográficas

Bíblia de Jerusalém nova edição revista e ampliada, edd. J. Bortolini-P. Bazaglia, Paulus, São Paulo 2002.

<https://arquidiocesosalvador.org.br/ressurreicao-de-lazaro-para-a-gloria-de-deus-jo-11-1-44/>, [acesso: 10-04-2023]

<https://estudobiblicoonline.com/joao-11-estudo/>, [acesso: 10-04-2023]

<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-biblicos/sagrado-crer-no-milagre-da-vida/>, [acesso: 10-04-2023]

JAUBERT Annie, *Leitura do evangelho segundo João*, Paulinas, São Paulo 1985.

MATEOS Juan-BARRETO Juan, *O evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, Paulinas, São Paulo 1989.

Nova Bíblia Pastoral, edd. P. Bazaglia-A.C Frizzo-D. Scardelai et al. Paulus, São Paulo 2014.